

## VIDROS ROMANOS DE ARAMENHA E MÉRTOLO

Por

JORGE DE ALARCÃO

Publicamos os vidros romanos de Aramenha (antiga Ammaia) e Mértola (antiga Myrtilis) conservados no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Os primeiros foram na sua maior parte oferecidos ao Museu pelo Senhor António Eubésio Maçãs, que conserva, na sua casa de Portalegre, outros vidros e peças de cerâmica recolhidos nas ruínas da Aramenha (1). Os segundos constituem uma prova da importância de Myrtilis na época lusitano-romana, pois alguns são vidros de luxo, pouco comuns. Procedem de Myrtilis os números 1, 8, 9, 11, 12, 20 e 22. Os restantes são de Aramenha.

### PRATOS E TAÇAS

O número 1 é um vidro opaco da primeira metade do século I d.C. Os vidros opacos, monocromáticos, fabricaram-se entre os reinados de Tibério e Cláudio. A sua ausência total em Fishbourne sugere que desapareceram praticamente do mercado por volta de 50 d.C. (2). O tipo deste nosso número 1 encontra-se em Vindonissa, Tongres e no

---

(1) Josefa da Conceição Neves, *Uma colecção particular de materiais romanos de Aramenha*, «Conimbriga», 11, 1972, p. 5-33.

(2) D. B. Harden e J. Price, *The Glass* in B. Cunliffe, *Excavations at Fishbourne 1961-1969*, Londres, 1971, vol. 11 p. 320. Cf. Berger, *Römische Gläser aus Vindonissa*, Basileia, 1960, p. 25.

Rheinisches Landesmuseum de Bonn <sup>(3)</sup>. Um dos exemplares de Vin-donissa foi achado em túmulo da época de Cláudio ou Nero. Sendo raros nesta época, os pratos deste tipo continuavam portanto em ser-viço nas décadas de 50 ou 60 d.C.

O número 2 tem paralelo num fragmento sem indicação de prove-niência no Museu Arqueológico de Vila Viçosa <sup>(4)</sup>. Um perfil seme-lhante mas com bordo tubular encontra-se em Tipasa <sup>(5)</sup>.

Os números 3 a 7 cabem no tipo 42 de Isings, atribuível ao último terço do século I e ao II d.C. Com o número de inventário 13660, existe no Museu um outro prato de Aramenha idêntico ao número 3, ligeiramente verde-maçã, quase incolor, com 165 mm. de diâmetro. Também não ilustramos, por ser de perfil idêntico ao número 5, um outro prato, igualmente de Aramenha, com o número de inventário 13659. É de vidro muito ligeiramente verde-maçã, com 124 mm de diâmetro.

Para o número 8 não conhecemos paralelo.

A taça número 9 é o único exemplo completo, em Portugal, de um tipo que foi estudado por von Pfeffer e Th. E. Haevernick <sup>(6)</sup>. Aliás, o tipo é raro em Portugal, donde só conhecemos, além deste exemplar de Mértola, dois outros da Citânia de Briteiros <sup>(7)</sup>. Provavel-mente fabricados no norte da Itália, em Aquileia ou na Eslovénia, estas taças datam do tempo de Tibério ao dos Flávios, tendo o seu *floruit* na época de Cláudio.

---

<sup>(3)</sup> Berger, ob. cit. n.º 30-31; Vanderhoeven, *De Romeinse Glasverzameling in het Gallo-Romeins Museum te Tongeren*, Tongeren, 1962, n.º 1; A. Mutz, *Die Kunst des Mettaldrehens bei de Roemern*, Basileia, 1972, p. 174.

<sup>(4)</sup> J. e A. Alarcão, *Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*, «Conimbriga», 6, 1967, p. 6, n.º 3.

<sup>(5)</sup> S. Lancel, *Verrerie antique de Tipasa*, Paris, 1967, est. IX, 4.

<sup>(6)</sup> W. von Pfeffer et Th. E. Haevernick, *Zarte Rippenschalen*, «Saalburg Jahrbuch», 17, 1958, p. 76-88. A lista apresentada neste artigo foi acrescentada por A. Saldern, *Ancient Glass in Split*, «Journal of Glass Studies», 6, 1964, p. 43 e Vigil, *El vidrio en el mundo antiguo*, Madrid, 1969, p. 106-107.

<sup>(7)</sup> J. e A. Alarcão, *Vidros Romanos do Museu de Martins Sarmiento*, «Revista de Guimarães», 73, 1963, p. 188-189.

## 1 — Prato.

Vidro opaco azul ultramarino.

Completo, esborcelado no pé. Picado e irisado.

Fundo horizontal, assente em pequeno pé, copa em dois lanços, bordo em forma de aba curta. Tem vestígios evidentes de polimento ao torno.

Diâmetro: 163 mm. Altura: 23 mm. Espessura: 2 mm.

Núm. inv. 14.039. Proveniente de Mértola.

## 2 — Prato.

Vidro ligeiramente tingido de verde-maçã, com algumas bolhas de ar e impurezas negras.

Completo e intacto.

Bordo em forma de aba, lábio polido ao fogo, paredes em L arqueado, pé tubular apertado com turqueses.

Diâmetro: 180 mm. Altura: 31 mm. Espessura mínima: 1 mm.

Núm. inv. 13662. Proveniente de Aramenha.

## 3 — Prato.

Vidro incolor, com muitas bolhas de ar.

Completo e intacto.

Copa arqueada, fundo empurrado para dentro com marca de pontel, pé apertado com turqueses, bordo em forma de aba com lábio per-lifforme.

Diâmetro: 175 mm. Altura: 46 mm. Espessura mínima: 1 mm.

Núm. inv. 13662. Proveniente de Aramenha.

## 4 — Prato.

Vidro quase incolor, muito ligeiramente verde-maçã, com raras bolhas de ar. Completo e intacto, com ranhuras fundas cortando toda a espessura do vidro. Copa arqueada, fundo empurrado para dentro com marca muito visível do pontel, pé apertado com turqueses, bordo em forma de aba, engrossado e polido ao fogo.

Diâmetro: 144 mm. Altura: 43 mm. Espessura mínima: 1 mm.

Núm. inv. 13654. Proveniente de Aramenha.

## 5 — Taça.

Vidro quase incolor, apenas levemente fumado, com bolhas de ar, impurezas negras e pedra.

Completa e intacta.

Parede em S alongado, fundo empurrado para dentro com marca de pontel, pé apertado com turqueses, bordo engrossado e polido ao fogo.

Diâmetro: 130 mm. Altura: 47 mm. Espessura mínima: 1 mm.

Núm. inv. 13658. Proveniente de Aramenha.

#### 6 — Taça.

Vidro incolor, com algumas bolhas de ar, miúdas.

Completa e intacta, com concreções calcárias.

Parede em S alongado, pé tubular apertado com turqueses, bordo engrossado e polido ao fogo. Marca de pontel visível no fundo externo.

Diâmetro: 108 mm. Altura: 35 mm. Espessura mínima: 1 mm.

Núm. inv. 13657. Proveniente de Aramenha.

#### 7 — Taça.

Vidro ligeiramente tingido de verde-alface, com bolhas de ar, impurezas negras e espuma.

Completa e intacta. Com concreções ferruginosas.

Parede em S alongado, fundo empurrado para dentro, com marca de pontel, pé apertado com turqueses, formando meia-cana pelo interior da copa, bordo dobrado para fora, perliforme.

Diâmetro: 110 mm. Altura: 44 mm. Espessura mínima: 1 mm.

Núm. inv. 13656. Proveniente de Aramenha.

#### 8 — Taça.

Vidro verde-gelo com bolhas de ar e impurezas negras.

Fragmentada, incompleta, muito riscada, com irisão nacarada e ranhuras fundas.

Copa arqueada, bordo tubular, primeiro recolhido e depois dobrado para fora. Pé anelar acrescentado. Armada de duas asas.

Diâmetro máximo: 224 mm. Altura: 85 mm. Espessura mínima: 1 mm.

Núm. inv. 14031. Proveniente de Mértola.

#### 9 — Taça.

Vidro ligeiramente verde-sombrio com raras bolhas de ar.

Completa e intacta, com manchas ferruginosas.

Copa ornamentada com dezoito caneluras irregulares espaçadas.

Decorada com um fio de vidro branco enrolado em espiral à volta da copa. Um outro fio foi aplicado no fundo (\*). Bordo de arestas. Diâmetro máximo: 105 mm. Altura: 64 mm. Espessura mínima: 1 mm. Núm. inv. 16050. Proveniente de Mértola. Tem indicação de ter sido achada em 26 de Janeiro de 1893.

## COPOS

Os números 10 e 11 são formas tão simples e frequentes dos séculos I ao IV que não podemos precisar-lhes a cronologia. O número 12, provavelmente do século II ou III d.C., teria um pé feito de uma segunda «paraison», como um exemplar de Montmaurin (9).

## 10 — Copo.

Vidro quase incolor, muito ligeiramente tingido de verde-alface só visível no pé, com bolhas e ar e impurezas negras.

Completo e intacto.

Corpo cónico, bordo envasado, decorado com uma linha finamente gravada, lábio de arestas, pé apertado com turqueses, fundo côncavo. Altura: 84 mm. Diâmetro da boca: 93 mm. Espessura mínima: 0,5 mm. Núm. inv. 13665. Proveniente de Aramenha.

## 11 — Copo.

Vidro verde-gelo, com bolhas de ar, estrias da soflagem e pedra.

Partido, mas colado e completo. Irisão muito espessa, nacarada.

Cónico, decorado com linhas finamente gravadas, pé apertado com turqueses, fundo muito côncavo, bordo de arestas.

Altura: 146 mm. Diâmetro da boca: 74 mm. Espessura: 1 mm.

Núm. inv. 14030. Proveniente de Mértola.

## 12 — Copo.

Vidro incolor.

Fragmento de parede, com leitosidade, irisão nacarada e picado.

Ovóide, decorado com cordões obtidos por desbaste do vidro ao torno.

Bordo de arestas polidas ao torno.

(\*) Sobre a técnica de fabrico destas peças vid. Harden, *The Glass*, in Hawkes e Hull, *First report on the excavations at Colchester, 1930-1939*, Oxford, 1947, p. 295.

(9) G. Fouet, *La villa gallo-romaine de Montmaurin*, Paris, 1969, p. 280, n.º 165.

Diâmetro da boca: 110 mm. Espessura mínima: 1 mm.  
Núm. inv. 16.035. Proveniente de Mértola.

#### JARROS E GARRAFAS

O jarro número 13 é do tipo 88 b de Isings. Tem paralelo, em Portugal, numa peça do Museu de Vila Viçosa <sup>(10)</sup>, que Isings julga de meados do século II d.C. Ao publicarmos aquela peça manifestámos as nossas reservas sobre a cronologia proposta por Isings: dos meados do séc. II aos inícios do III d.C. Infelizmente, não conhecemos outros achados que nos permitam deduzir uma cronologia segura.

Não conhecemos paralelo exacto para o número 14. É mais uma forma a acrescentar ao grupo de jarros de corpo cónico (Isings tipo 55), atribuível à segunda metade do século I e aos inícios do II d.C.

O número 15 é uma forma inédita.

A garrafa número 16, de tipo Isings 50, é datável do último terço do século I ou da primeira metade do século II d.C. <sup>(11)</sup>. O X inscrito num círculo encontra-se em Welwyn, Baldock e Verulamium. Nos dois primeiros casos, o círculo inscreve-se por seu turno num quadrado; em Verulamium, o motivo é simplesmente o círculo envolvendo um X, como aliás numa outra garrafa de Aramenha na colecção do Senhor António Eusébio Maçãs <sup>(12)</sup>.

#### 13 — Jarro.

Vidro quase incolor, de um tom verde-maçã só perceptível nas partes mais espessas, com algumas bolhas de ar e impurezas negras.

Completa e intacta, riscada, ligeiramente embaciada, com concreções ferruginosas.

Bojo esférico, fundo côncavo, gargalo cilíndrico, boca trilobada, asa de fita com apoio para o polegar.

<sup>(10)</sup> J. Alarcão, *Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*, «Conimbriga», 6, 1967, n.º 27.

<sup>(11)</sup> D. Charlesworth, *Roman Square Bottles*, «Journal of Glass Studies», 8, 1966, p. 130.

<sup>(12)</sup> Sobre esta garrafa de Aramenha vid. Josefa da Conceição Neves, *Uma colecção particular de materiais romanos de Aramenha*, «Conimbriga», 11, 1972, est. IX, 11. Sobre os exemplos de Verulamium, Welwyn e Baldock, vide Charlesworth, art. cit. na nota anterior, p. 33-34.

Altura (compreendendo a asa): 150 mm. Diâmetro máximo: 120 mm.

Espessura: 1 mm.

Núm. inv. 13667. Proveniente de Aramenha.

14 — Jarro.

Vidro quase incolor, muito ligeiramente fumado, com bolhas de ar, pedra, impurezas negras e espuma.

Completo e intacto.

Corpo cônico, fundo côncavo, gargalo cilíndrico, bocal esvasado, bordo revirado para dentro, asa de fita grossa.

Altura: 140 mm. Diâmetro máximo: 91 mm. Espessura: 1 mm.

Núm. inv. 13666. Proveniente de Aramenha.

15 — Frasco.

Vidro verde-gelo, com muitas bolhas de ar, miúdas.

Quase completo, faltando-lhe apenas o fundo. Leitosidade em toda a face interna.

Fundo côncavo, pé apertado com turqueses, reservatório de paredes ligeiramente côncavas, decoradas com linhas finamente gravadas, um pouco esvasadas para o alto, ombros formando corcova, gargalo alto, sobre o cilíndrico, estrangulado na base, lábio em aresta viva, sublinhado com linhas gravadas.

Altura: 159 mm. Diâmetro máximo: 66 mm. Diâmetro de boca: 24 mm.

Espessura: 1 - 1,5 mm.

Núm. inv. 13664. Proveniente de Aramenha.

16 — Garrafa.

Vidro verde-gelo com bolhas de ar e espuma.

Asa partida e incompleta.

Corpo prismático, gargalo cilíndrico, bordo repuxado para fora e depois revirado para dentro. O fundo apresenta, em relevo, um X inscrito num círculo e quatro L servindo de pés.

Altura: 144 mm. Diâmetro máximo: 57 mm. Espessura: 1 mm.

Núm. inv. 13668. Proveniente de Aramenha.

## UNGUENTÁRIOS

O número 17 é um unguentário de tipo Isings 82 B 2, pouco comum em Portugal, onde todavia se encontra em Pombalinho e Tróia de Setúbal <sup>(13)</sup>.

Este tipo encontra-se no Ocidente já nos fins do século I e nos inícios do II d.C., mas teve provavelmente longa duração.

O número 18 tem paralelo em Portugal, na antiga Balsa <sup>(14)</sup>. É uma forma sobretudo da segunda metade do século I ou inícios do II d.C.

Os números 19 a 21 são unguentários bulbiformes, que começaram a fabricar-se no Ocidente na segunda metade do século I d.C. <sup>(15)</sup>. Proveniente de Aramenha, com o número de inventário 13663, há outro unguentário idêntico que não ilustramos.

Finalmente o número 22 é um unguentário cuja cronologia vai dos fins do reinado de Tibério à época de Tito <sup>(16)</sup>.

## 17 — Unguentário.

Vidro quase incolor, apenas muito levemente tingido de verde-alface, com bolhas de ar e ligeiro filandrado.

Completo e intacto.

Reservatório baixo, de fundo côncavo e parede corcovada, gargalo alto e cilíndrico, bordo repuxado para fora e para baixo e depois enrolado sobre si mesmo, para dentro.

Altura: 192 mm. Diâmetro da base: 103 mm. Espessura: 1 mm.

Núm. inv. 13705. Proveniente de Aramenha.

## 18 — Unguentário.

Vidro verde sombrio com bolhas de ar e impurezas negras.

Completo e intacto.

<sup>(13)</sup> J. Alarcão, *Espólio de uma sepultura luso-romana de Pombalinho (Santarém)*, «O Arqueólogo Português», série III, 2, 1969, p. 82, n.º 5, e *Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos*, «Conimbriga», 10, 1971, p. 30, n.º 15.

<sup>(14)</sup> J. Alarcão, *Vidros romanos de Balsa*, «O Arqueólogo Português», série III, 4, 1970, p. 225, n.º 42.

<sup>(15)</sup> J. e A. Alarcão, *Vidros romanos do Museu de Martins Sarmiento*, «Revista de Guimarães», 73, 1963, p. 200-202.

<sup>(16)</sup> J. e A. Alarcão, art. cit. na nota anterior, p. 181-183.

Gargalo alto e cilíndrico, esvasando num reservatório baixo, de fundo côncavo, bordo revirado para fora e para baixo e finalmente enrolado sobre si mesmo.

Altura: 69 mm. Diâmetro máximo: 42 mm. Espessura: 1 mm.

Núm. inv. 13706. Proveniente de Aramenha.

19 — Unguentário.

Vidro verde-gelo com bolhas de ar, filandrado e pedra.

Completo e intacto, com ligeiro picado.

Reservatório bulbiforme, gargalo alto e cilíndrico, ligeiramente estrangulado na base, bordo esvasado.

Altura: 100 mm. Diâmetro máximo: 50 mm. Espessura: 1 mm.

Núm. inv. 13652. Proveniente de Aramenha.

20 — Unguentário.

Vidro verde-sombrio, com bolhas de ar e filandrado.

Completo e intacto, profundamente irisado pelo interior.

Reservatório bulbiforme, gargalo alto e cilíndrico, ligeiramente estrangulado na base, bordo revirado para fora e depois para dentro, sobre si mesmo.

Altura: 107 mm. Diâmetro máximo: 66 mm. Espessura: 1 mm.

Núm. inv. 16052. Proveniente de Mértola.

21 — Unguentário.

Vidro verde-sombrio, com muitas bolhas de ar, impurezas negras e escuma.

Completo, com ranhuras fundas.

Reservatório bulbiforme, gargalo alto e cilíndrico, bordo revirado para fora e depois para dentro sobre si mesmo.

Altura: 100 mm. Diâmetro máximo: 65 mm. Espessura: 1 mm.

Núm. inv. 13653. Proveniente de Aramenha.

22 — Unguentário.

Vidro verde-gelo, com muitas bolhas de ar e estrias de soflagem.

Esborcelado no local.

Tubular, com ligeiro estrangulamento a meia-altura, bordo esvasado.

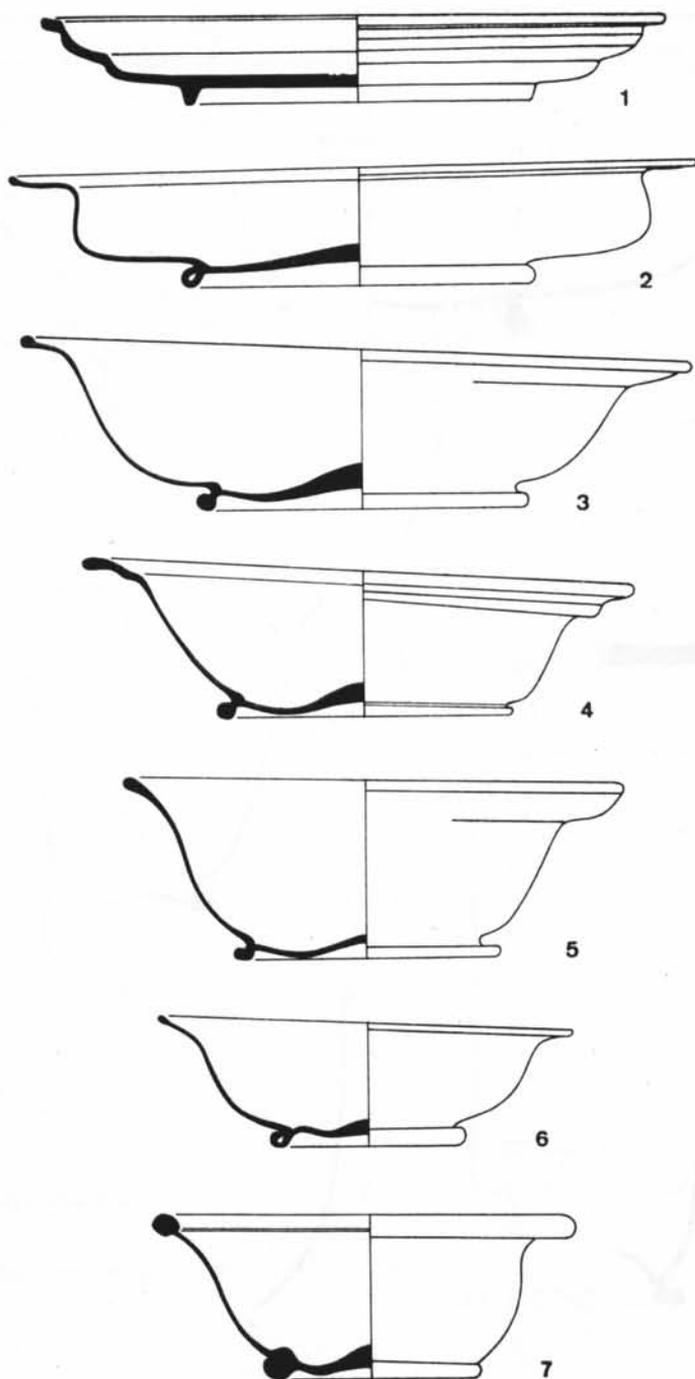
Altura: 75 mm. Diâmetro máximo: 20 mm. Espessura mínima: 0,5 mm.

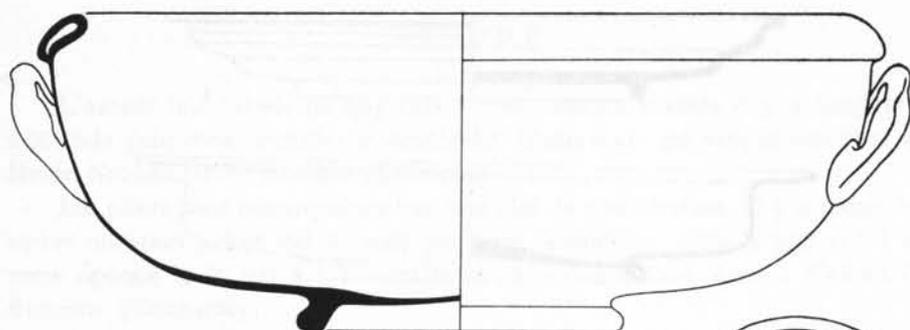
Núm. inv. 16026 A. Proveniente de Mértola.

## R É S U M É

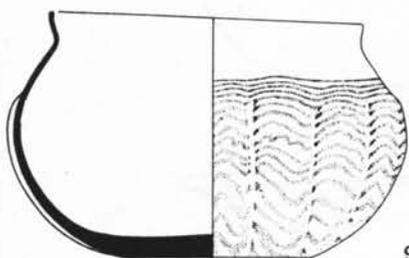
L'auteur fait l'étude de quelques verres romains trouvés il y a longtemps à Mértola (ancienne Myrtilis) et Aramenha (Ammara), qui sont aujourd'hui au Musée National d'Archéologie (Lisbonne).

Les pièces sont remarquables par leur état de conservation. Il y a parmi ces verres quelques pièces qui ne sont pas trop communes: ainsi le plat n.º 1 en verre opaque et le bol n.º 9 — un type qui a été trouvé aussi à Citânia de Briteiros (Guimarães).

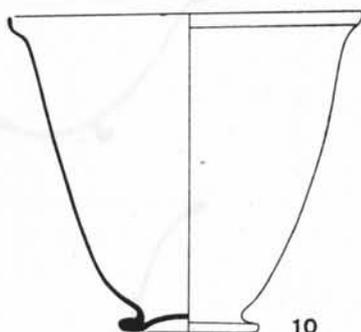




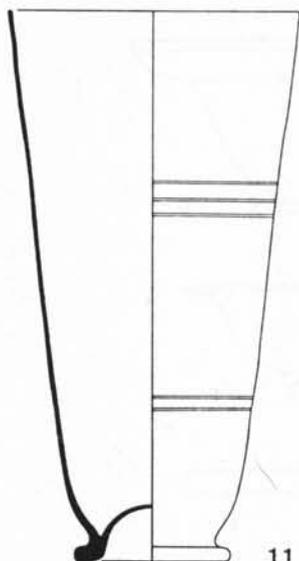
8



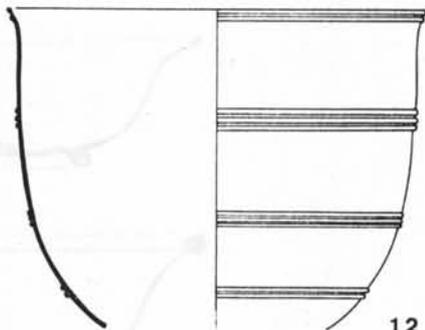
9



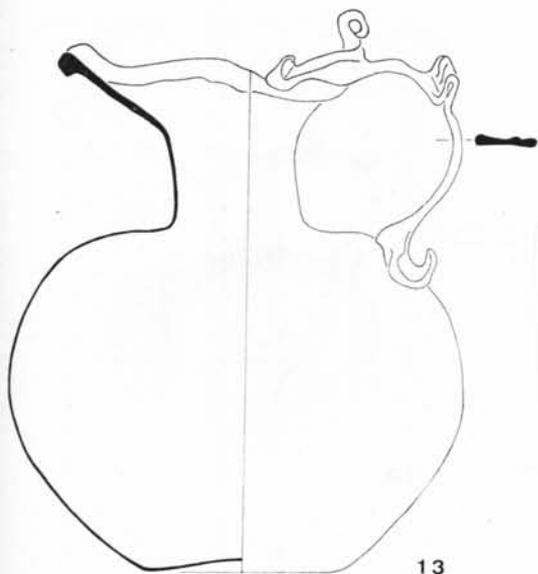
10



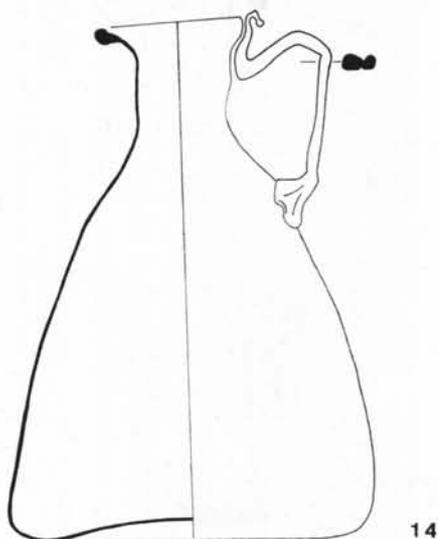
11



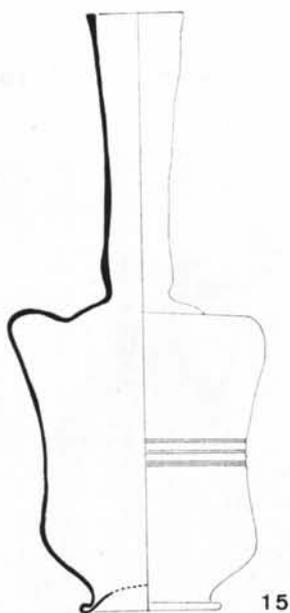
12



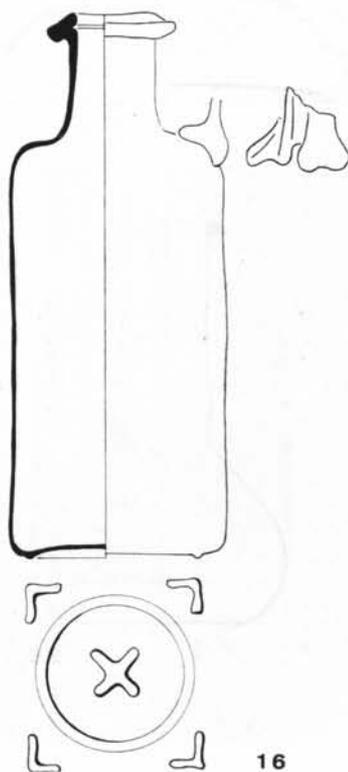
13



14

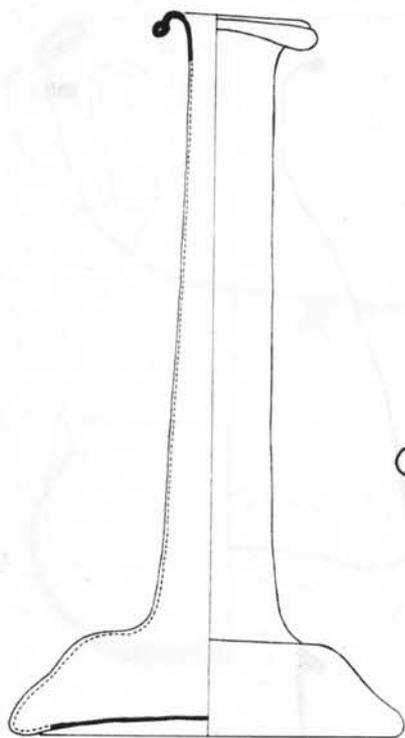


15

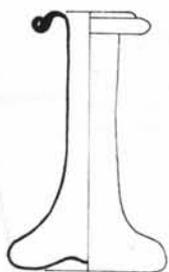


16

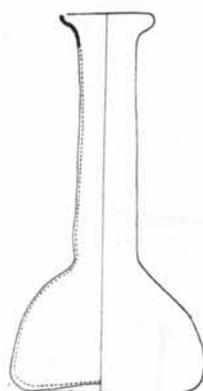
Esc. 1:2



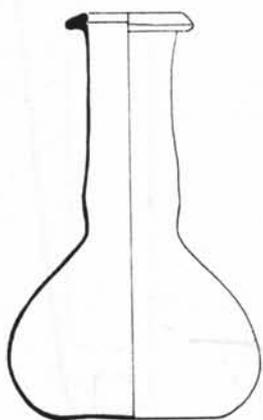
17



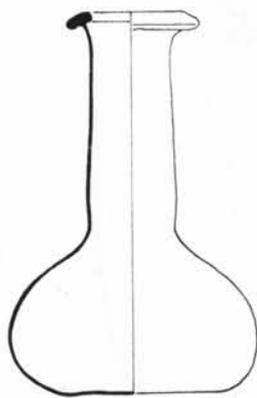
18



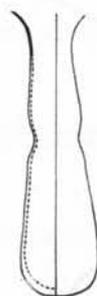
19



20



21



22

Esc. 1:2

